HOMENAGEM A JOÃO DE DEUS

NA INAUGURAÇÃO DO JARDIM-ESCOLA PELO ORPHEON ACADEMICO DE COIMBRA EM 1-4-911

HOMENAGEM

A

JOÃO DE DEUS

HOMENAGEM

A

JOÃO DE DEUS

▫ Na inauguração do Jardim-Escola ▫
pelo Orpheon Academico de Coimbra
▫ ▫ ▫ ▫ ▫ em 1-3-1911 ▫ ▫ ▫ ▫ ▫

Á MEMORIA

DE

JOÃO DE DEUS

Na inauguração do « Jardim-Escola João de Deus » em Coimbra

A obra amoravel que no seu delicado espirito de Poeta, João de Deus fantasiára, consubstanciou-se em fim, tornou-se realidade.

D'ora ávante as creancinhas, moldaveis flores de cêra, jamais serão lançadas para o deletério e venenoso abysmo da rua, jamais receberão o contacto immoral d'essa madrasta preversa.

N'uma ternura dôce, n'um abraço estreito e commovido, o *Jardim-Escola* abre-lhes o seio maternal, educa-as sollicito, acompanha-as vigilante e formando-lhes os caractéres, forma homens do futuro, dignos e bons.

O fim que se propõe attingir é nobre e levantado! A sua missão é alta e sublime!

A educação da rua tão vulgarisada entre nós, é a mais encarniçada inimiga do Progresso.

Deformadôra de almas, é uma escola de vicio, de rebaixamento moral.

Assim o comprehendeu João de Deus; e n'um gesto meigo, dominádo pelo amôr intenso que á Humanidade

consagráva, procurou um dique vigoroso que obstasse a esse resvalar constante.

N'uma aureola de luz, surgiu-lhe a ideia dos Jardins-Escolas. As mães iriam lá pôr seus filhos e ficariam sem cuidados, satisfeitas, como se os tivessem nos regaços. Poderiam trabalhar livremente, livremente ganhar a vida, que os *bambinos,* risonhos e prasenteiros ficavam brincando, tratando das flôres, aprendendo a lêr; uma alma bondosa de mulher cuidar-lhes-ia da hygiene do côrpo e da alma... E assim se formariam homens bons, sadios e honestos, resolutos para a Vida e grandes para a Patria.

....

João de Deus, ó divino Poeta, está realisado o teu sonho.

Coimbra, 2 de abril de 1911.

AFFONSO RODRIGUES-PEREIRA.

Ás Creancinhas

Creanças doces, limpidas, brincando
Junto á escola em placido recreio,
Quanto candôr, quanta meiguice eu leio
No vosso garrular sereno e brando!

Tendes em vós um ninho de esperanças
Em lêdos trinos pela vida fora;
Brincando com a luz das vossas tranças,
Saudando alegres o passar da auróra.

Estão horas a dar no campanario;
A escola tem a unção d'um sanctuario
Que as vossas almas illumina: entrae.

A hostia do Bem, do Amor, e da Verdade
Com muita devoção, muita piedade
Communguae, creancinhas, communguae!

MARQUES DA CRUZ.

Futuro Novo

Quando o verão florir em jactos de alegria
E o sol encher de luz a vossa escola, então
Como ha-de vêr alegre a vossa moradia,
Como ha-de estar alegre o vosso coração!

Soltae, soltae ao vento um canto perfumado,
Cantos que vós sabeis tão cheios d'emoção:
Tendes por protector um nôme consagrado,
Tendes a abençoar-vos a luz da instrucção!...

1911.

ACACIO LEITÃO.

Em louvor do Sol

Seja louvado o Sol. E Aguas e Montes
que sam fecunda terra comovida
louvados sejam : E louvor ás Fontes
e louvôres á vida
p'las bôcas amorosas que se beijam.

Louvôr ao Sol, a Deus, ao Criador,
quando a Montanha é de oiro e espertamente
a Ave canta e ri a Flor.
Quando o Sol dá Bom dia a toda gente
e levanta da Sombra, alegre e lindo,
com mancheias de côr,
as Coisas que estam dormindo.

Sol todo o dia e lua em noite calma,
abençoado o olhar que nos descobre
um bocadinho de Alma.

Candeia acesa
que na casa do Pobre
alumia a pobresa.

— Lá vem o Sol!
Que limpido arrebol
na Terra canta e lá no Céo rebrilha!

Vamos! enxada á Terra, ó minha gente...
Quando a enxada se enterra, ó maravilha,
grita a semente.

AFFONSO DUARTE.

Louvôres á agua dos cantaros

(EXCERTO)

Louvada seja a agua prisioneira
das urnas postas em linha
numa cerrada fileira
sobre os poiaes da cosinha!

Louvada seja a agua encarcerada
nos cantaros somnolentos,
onde, sujeita, — coitada! —,
padece longos tormentos!

Louvada seja a agua amollecida
por captiveiro tam duro,
quasi que expulsa da vida,
sempre mettida no escuro!

Louvada seja a agua que consente
nessa prisão cellular,
só por ser bôa p'ra a gente,
só por se sacrificar!

Louvada seja porque livre que era
tornou-se escrava p'ra morar comnosco!
Como é que pode, alma irrequieta e fera,
Caber num cantaro acanhado e tosco?!

Como é que pode quem girava errante
por altas lombas, por gargantas fora,
e apenas tinha a immensidão por deante,
soffrer o pantano em que dorme agora!

Peior que um charco, bem peior ainda,
nunca d'ali a luz do sol a arranca!
nunca a aproveita a madrugada linda
p'ra veu discreto, p'ra mantilha branca!

E a agua sonha... A emparedada pensa
nas amplas quedas, ao luar, p'la serra...
Deixou-as, mas conserva-as na presença,
cheiinha de saudades se desterra,

....

ANTONIO DE MONFORTE.

Escola Maternal

No principio do Mundo, antes de haver
Entre os homens o Orgulho, o Bem e o Mal
Já existiu a Escola Maternal
Que o tempo a pouco e pouco fez morrer;

A Natureza-Mãe é que ensinava
Poemas de amor e luz, cantos singelos
Que a Flôr em seus perfumes — seus anhelos —
Depois de decorar nos recitava.

Restaurou-a o POETA: quiz ditar
Ao Mundo um novo Poêma imorredoiro
Onde, a sorrir, cantasse outros amores;

E nesse eterno Poêma fêz juntar
As creancinhas puras — lettras d'oiro —
Estancias d'um ideal « Campo de Flôres ».

Coimbra, 1911.

FERNANDO CORREIA.

A Talha de Coimbra

Quem inventou a talha era casado.
Revejo o Artista e a Mulher já mãe,
Cheia da graça dôce que elas têm,
Vendo o filhinho adormecido ao lado.

Viu-a: e a talha tem o seio arqueado,
E o proprio pucarinho, vejam bem,
No lindo têsto, se não é tambem
Um menino no bêrço inda deitado...

Formam as azas um airoso par:
É porque as mães a quem o Amor exalta
Erguem os filhos a tremer, no ar.

Ei-la egualsinha quazi que ao modêlo,
Tam boa e maternal que só lhe falta
Pôr o menino ao colo e adormecê-lo...

1909.

JAIME CORTESÃO.

João de Deus

Amar é um verbo que diz tudo, e, se elle envolve na sua singeleza morphologica a vida dos seculos, a dos povos e a das pessôas, João de Deus viveu e vive uma eternidade, porque elle soube como ninguem conjugar, nas suas producções, este verbo em todos os tempos, por todos os modos e para todas as pessôas.

Se fosse possivel emmoldurar as almas das grandes personalidades, dos eminentes poetas e dos genios assombrosos para que constituissem quadros do templo da Posteridade, a de João de Deus só admittiria uma moldura de creanças, sorrisos e flores.

Creanças a quem elle tanto amou e para as quaes escreveu a *Cartilha Maternal*, obra que só deve ser guardada num peito de Mãe.

Sorrisos que elle fazia deslisar nos nossos rostos com a leitura d'algumas das suas producções de suave critica.

Flores que são todos os seus versos.

Coimbra.

ANTONIO DE MATTOS.

Versos da alma

Minha alma é um alto monte a cujo cúme de oiro
Eu ascendi p'ra ter o Sol dentro do peito,
E no seu fundo seio ha um igneo tesoiro,
E um jazigo de luz só de lagrimas feito.

Minha alma é um vasto Mar, um oceano sem praias...
— Vá! para o Mar, ó sonhos meus, numa aventura!
— Trazei velas de Amor, embarcai, desfraldai-as!...
— Vamos ao alto-mar, em prol da Formozura!...

Minha alma é um vasto Ceu em que a luz vos deslumbra,
Aguias do meu sentir, azas do meu Amor...
— Ó animicos soes a fulgir na penumbra,
— Olhos razos de luz a cegar de esplendor!...

Minha alma é o limiar duma vida encantada,
É o doirado portal em que o Silencio, atento,
O misterio entrevê na bruma alevantada
Sobre os olhos mortaes do nosso pensamento...

E em que vêm bater e quebrar-se, uma a uma,
As ondas irreais dum infinito Mar,
E em que se ergue uma voz sobre os flocos de espuma,
Voz de encanto e de Amor, no misterio a vibrar! . . .

Minha alma é um vasto Ceu, um infinito abraço,
Em que abismos de Dôr cingem os vastos ceus,
— É uma febre de luz incendiando o espaço,
— É uma ancia de Amor realizando Deus! . . .

Coimbra, 1910, Set.

AUGUSTO CASIMIRO.

O meu lar

> *12. Honrarás a teu pai e a tua mãe, para têres uma dilatada vida sobre a terra que o Senhor teu Deus te ha-de dar.*
>
> *Exodo — Cap. XX.*

Ora ouvireis, gente de Deus, cantar,
nêste Poema a que ninguem é extranho,
aquêle antigo amôr do nosso Lar,
que todos têm e que tambem eu tenho.

Grito do sangue, o sangue vae falar
melhor do que o faria o meu engenho,
se a engenho humano fôra dado olhar
alturas em que vive amôr tamanho!

Versos não fiz, só orações compuz,
ingénuas orações cheias da luz
que dentro de mim arde noite e dia.

E por bem pago me darei, se, ao lêl-as,
alguem tivér nos olhos a alegria
que eu tive dentro d'alma ao escrevêl-as!

João de Lebre e Lima.

João de Deus

A Vida é uma epopêa feita de Hymnos
Que cantam tristemente os semi-nús
É um Oceano, aonde Amor conduz
As caravellas leves dos Destinos.

Cautella quando embarcam, crystalinos,
Os Embryões do Bem, bebendo luz!
Lembrae-vos que lhes disse, o Bom Jesus:
« Deixae-os vir a mim, os pequeninos! »

Dae á brisa, lentamente, as vellas
Deixae fluctuar as leves caravellas
Davagarinho, sob os altos ceus.

O Timoneiro — um symbolo de Amor —
Fosse a barca, uma petala de flor,
Levava-a a salvamento. É João de Deus!

Coimbra, 18-3-1911.

GUSTAF ADOLF BERGSTRÖM.

João de Deus

O perfume inebriante da vida, a sua emanação, só a arte o póde traduzir. O poeta, esse interprete e creador de estados psychicos profundos, incarnou em si o dynamismo subtil da vida moral; idealisando o mundo, advinhando-lhe a Idéa, num presentimento de propheta, inicia-nos no culto da suprema Belleza. Apostolisando, elle evangelisa. João de Deus revive nas paginas da sua obra a alma ingenua e simples do nosso povo: num carinhoso pantheismo traduz o seu amor pela alma das causas, suas irmãs.

Lyrismo elevado e santo o do poeta!

21-3-911.

AARÃO DE LACERDA.

PARA SER VENDIDO
† † † A FAVOR † † †
DO JARDIM-ESCOLA
† JOÃO DE DEUS †
† † † † 1911 † † † †